

Rosana Aparecida Alves dos Santos



A COR COMO ELEMENTO BÁSICO DA PINTURA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Rosana Aparecida Alves dos Santos

**A COR COMO ELEMENTO BÁSICO DA PINTURA NO ENSINO DE ARTES
VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Claudia Regina dos Anjos

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2013

SANTOS, Rosana Aparecida Alves dos, 1973- A Cor Como Elemento Básico Da Pintura No Ensino De Artes Visuais: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Rosana Aparecida Alves dos Santos. – 2013.

41f. (Trinta e oito)

Orientador (a): Claudia Regina dos Anjos

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Anjos, Claudia Regina dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A Cor Como Elemento Básico Da Pintura No Ensino De Artes Visuais*, de autoria de Rosana Aparecida Alves dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Claudia Regina dos Anjos - Orientadora

Verona

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de todo o conhecimento, por ter me dado forças para vencer mais essa etapa da minha vida e a meu filho Álvaro pela compreensão e apoio durante o curso.

RESUMO

Esta pesquisa desenvolveu um estudo sobre o uso de cor na pintura e teve como objetivo identificar a cor como elemento fundamental da pintura no ensino/aprendizagem de Artes Visuais. A metodologia empregada nesse trabalho teve o caráter bibliográfico baseado em um estudo sobre o ensino de arte na educação brasileira, no estudo teórico da cor, tendo como meio de orientação os conhecimentos de Israel Pedrosa, e no emprego da cor na pintura. A partir desse estudo, foi possível verificar atributos da cor e da luz, fundamentais para a qualificação da expressividade. O processo analisado partiu do histórico do Ensino de Arte seguido do estudo da teoria da cor, chegando até a análise de pinturas realizadas por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Frei Angélico de Campora, em Governador Valadares – MG, que proporcionou resultados mais consistentes para a compreensão do uso de cores na pintura permitindo um conhecimento mais solidificado sobre a relevância e o ensino da cor nas aulas de Artes Visuais.

Palavras-Chave: Cor, Pintura e Ensino/aprendizagem de Artes Visuais

ABSTRACT

This research developed a study about the use of the color of the paint and had as objective identify the color as a fundamental element of the paint in teaching/ learning about Visual Arts. The methodology used in this work was a bibliographical character based in a study about on the teaching of art education in Brazil, in theoretical study of color taking as means of orientation of Israel Pedrosa, and in the use of paint color. From this study was possible to check attributes of color and light, fundamental to qualification of expressiveness. The analyzed process came from the historic teaching of Art followed by the study of color theory, nearing till the analysis of paintings done by students from 9 years of public school of a public school that belongs to the fundamental teaching from Frei Angélico de Campora in GV- MG who provided more consistent results for the understanding of the use of the color in painting allowing more solidified knowledge about the relevance and teaching color classes of Visual Arts.

Key words: Color, Painting and Teaching/Learning in Visual Arts

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Cores Primárias.....	20
Figura 2	Cores Secundárias.....	21
Figura 3	Círculo Cromático.....	21
Foto1	Pintura Nº 1 do aluno 1.....	38
Foto 2	Pintura Nº 2 do aluno 1.....	39
Foto 3	Pintura Nº 1 do aluno 2.....	40
Foto 4	Pintura Nº 2 do aluno 2.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ARTE-EDUCAÇÃO.....	12
1.1 HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE	12
1.2 ARTE DO AMBIENTE ESCOLAR	13
1.3 O ENSINO DE ARTES VISUAIS	15
1.4 METODOLOGIA	16
2 A COR	18
2.1 ISSO É COR	18
2.2 PERCEPÇÃO DA COR	19
2.3 CLASSIFICAÇÃO DAS CORES	20
2.4 COR PIGMENTO	23
2.5 HARMONIA DAS CORES	24
3 PINTURA	26
3.1 A COR NA PINTURA	27
4 RELATO DE EXPERIÊNCIA	29
4.1 PERFIL DOS ENVOLVIDOS NO EXPERIMENTO.....	29
4.2 ROTEIRO DO EXPERIMENTO	30
4.3 ANÁLISE DO EXPERIMENTO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXO A: PINTURA Nº 1 DO ALUNO 1	38
ANEXO B: PINTURA Nº 2 DO ALUNO 1	39
ANEXO C: PINTURA Nº 1 DO ALUNO 2	40
ANEXO D: PINTURA Nº 2 DO ALUNO 2	41

INTRODUÇÃO

Quando decidi me tornar professora, mesmo sem muito conhecimento nessa área, peguei um contrato para ministrar aulas de Arte para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Essa experiência foi decisiva para que eu descobrisse minha habilidade para ser professora, no entanto, trouxe-me muitas inquietações porque eu não tinha conhecimento sobre o que ensinar e nem em como ensinar. Fiz várias pesquisas, mas todo material que encontrava abordava a arte de maneira menos intensa. Uma das maiores inquietações foi referente à forma de se ensinar a cor, pois tudo o que encontrava falava apenas das cores primárias, secundárias e terciárias, sem nenhuma explicação de seu poder expressivo. Toda a informação que encontrava tratava a cor como simbolismo e expressão psicológica.

Em meu terceiro ano de profissão, ao ministrar aulas de pintura para uma turma de 5º ano, percebi que enquanto a maioria dos alunos fazia suas obras utilizando várias tonalidades de cor, tinha um que usava apenas os tons escuros e sombrios e novamente senti a inquietação relacionada ao ensino/aprendizado da cor. Contudo, foi somente ao cursar a pós-graduação no Ensino de Artes Visuais que me senti preparada, inspirada a me dedicar ao estudo da cor na pintura em ensino de Artes Visuais.

Assim, o objetivo principal deste trabalho foi desenvolver perspectivas voltadas ao estudo da teoria da cor e sua relevância na pintura, visando observar de que maneira esses recursos são utilizados para atrair e seduzir o fruidor, bem como sua relevância no ensino/aprendizagem de Artes Visuais.

Pretende-se ressaltar, na análise da monografia; aspectos como relação cor-luz / cor-pigmento; apresentar a cor como elemento básico da pintura e analisar a utilização da cor em pinturas realizadas por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, do ano de 2013, da Escola Estadual Frei Angélico de Campora, em Governador Valadares – MG, por se tratar de uma turma para a qual ministrou aulas de Arte. Neste trabalho, desvendam-se conceitos, características da cor, bem como, a utilização desse elemento na pintura e sua aplicabilidade em sala de aula.

A monografia está organizada em três capítulos:

O primeiro trata sobre a Arte-Educação no decorrer da história da humanidade, o que nos leva a perceber que a arte acompanha o homem e se

desenvolve com ele. O segundo trata-se de um estudo teórico da cor baseado nos conhecimentos construídos a partir da teoria da cor.

E o terceiro, inicia-se falando sobre a pintura, seguido de uma reflexão sobre a cor na pintura no ensino de Artes Visuais. Em seguida se dará a análise do processo de construção do conhecimento sobre a teoria das cores desenvolvidas com os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, tendo como foco a interação cromática nas obras. Pretendeu-se avaliar de que forma os contrastes cromáticos, a harmonia e a qualidade expressiva da cor são utilizadas pelos alunos, como esses elementos contribuem para a percepção visual plena das pinturas analisadas e quais as dificuldades encontradas pelos alunos no que diz respeito à cor. E, assim, conclui-se a importância da cor na pintura no ensino de Artes Visuais.

1- ARTE E EDUCAÇÃO

1.1 ENSINO DA ARTE

Compreender o processo de ensino-aprendizagem de Arte pressupõe entender algumas questões, que vão do seu conceito à forma como esse componente curricular é abordado na escola.

De acordo com o PCN, a arte oficialmente já foi considerada atividade, matéria, disciplina, sempre mantida à margem das áreas curriculares.

Barbosa (2002) destaca que

a disciplina Educação Artística, apesar da Reforma Educacional de 1971, nunca conseguiu afirmar-se como uma disciplina plena sem a necessidade de ficar atrelada a outra, para assim se impor com a devida importância a que ela merece.

Segundo a autora, nos anos de 1970 o Ensino de Educação Artística era englobado ao ensino de Desenho Geométrico para que a disciplina de Educação Artística fosse valorizada pelos professores de outras disciplinas bem como pelos alunos.

Nas décadas de 1980 e 1990, mobilizadas pelo movimento de Arte-Educação, surgido nos anos 1980, desenvolveram-se muitas pesquisas relacionadas ao modo de aprender dos artistas, das crianças e dos jovens, o que levou a dados importantes para propostas pedagógicas que atentem tanto para os conteúdos a ser ensinados quanto para os processos de aprendizagem dos alunos. (PCN, 1998)

Ferraz e Fusari (2010) afirmam que nos últimos anos, o movimento da Arte-Educação esteve preocupado com a educação escolar, observando e contribuindo para efetivar a presença da Arte na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, promulgada em 20 de dezembro de 1996, estabelece a obrigatoriedade da arte na educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio): Cap. II Art. 26, § 2º - “O

ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (FERRAZ E FUSARI, 2010, p.19).

A denominação para Arte, promulgada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 – LDBEN – demarca uma mudança efetiva na maneira de conceber e ensinar Arte na contemporaneidade. O § 2º afirma: “O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” Revogada a legislação anterior, a denominação Arte passa a vigorar no lugar de “Educação Artística” conforme a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 5.692/71.

A partir dos PCN/Arte uma das concepções que vem sendo difundida e que, aos poucos, vem sendo incorporada à prática pedagógica de muitos educadores, está baseada na Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, em que concebe o ensino/aprendizagem de Arte a partir da articulação de três eixos: o fruir, o contextualizar a obra de arte e o fazer artístico.

1.2 ARTE NO AMBIENTE ESCOLAR

Desde os tempos mais remotos a arte tem se mostrado presente nas manifestações culturais. Isso nos leva a conceber que a aprendizagem e o ensino da Arte sempre existiram, mas foram se transformando, ao longo da história, tendo como base, normas e valores estabelecidos por diferentes ambientes culturais.

Segundo Ferraz e Fusari (1999) desde o nosso nascimento já somos apresentados a várias manifestações de arte em nosso meio sociocultural:

Logo ao nascer, passamos a viver em um mundo que já tem uma história social de produções culturais que contribuem para a estruturação de nosso senso estético ((FERRAZ E FUSARI, 1999, p. 15).

Segundo essas autoras, desde que nascemos, somos estimulados a interagir com as mais diversas formas de arte, inclusive, mesmo sem perceber a todo o momento estamos produzindo arte.

De acordo com o PCN de Arte,

a educação em arte estimula o desenvolvimento do pensamento artístico, caracterizando um modo particular para dar sentido às experiências das pessoas, ampliando a sensibilidade, a percepção, a reflexão, a imaginação e a criação. Aprender não só a criar objetos artísticos, mas conhecer, apreciar e refletir sobre as vastas formas e expressões, bem como, suas diferenças apresentacionais, seja por meio da sua arte individual e ou coletiva, em épocas diferentes e contextos diferentes. (PCN de Arte, 1997, p.15).

Dessa forma, compreende-se que a educação em Arte colabora com a formação da pessoa como um todo, por permitir constantes reflexões sobre a vida e a sociedade que o cerca, sendo através da criação, da percepção ou mesmo da interação com colegas, professores e ou com o contato com a Arte de diferentes épocas e diferentes contextos.

E, quando estão se expressando ou representando com sensibilidade e imaginação o mundo da natureza e da cultura, os autores de trabalhos artísticos também agem e reagem frente às pessoas e ao próprio mundo social. Esses autores podem ser os próprios artistas que se dedicam profissionalmente a esse trabalho ou, então, outras pessoas (estudantes, por exemplo) que fazem trabalhos artísticos como atividade cultural e educativa (FERRAZ E FUSARI, 1999, p.15).

Percebe-se que a liberdade de expressão em Arte contribui na compreensão do mundo e nas relações sociais do autor.

De acordo com Ferraz e Fusari (1999,) é nesse momento que ocorre a capacidade de desenvolvimento cognitivo, em particular para os estudantes é nesse exercício de ação e reação, de tensão, que eles interagem para demonstrar a capacidade de ir e de estar além da capacidade de pensamento crítico construtor que o aluno permite observar.

Sendo assim, Barbosa (2003) deixa margem para observar que a Arte permite ao artista expressar sua experiência de vida e sintetiza sentimentos, ansiedades e expectativas da época em que vive. Isso se torna possível quando, unindo conhecimentos e técnicas a um estilo pessoal, permite-se aos alunos passarem por diversas experiências de aprender e criar, articulando conhecimento e produção artística com percepção, imaginação, sensibilidade e, dessa forma, encontrarem um

espaço para o seu desenvolvimento pessoal e social por meio da vivência e posse do conhecimento artístico e estético.

Nesse sentido o fazer artístico e a fruição estética ganham uma dimensão significativa, pois contribuem para o desenvolvimento de crianças, de jovens e de adultos, inclusive, na ampliação do seu potencial cognitivo e, assim, conceberem o mundo de modo diferente. Se os educadores conseguem vivenciar isso, a sua prática pedagógica, possivelmente, terá grandes chances de ser coerente, possibilitando ao educando conhecer e reconhecer o seu repertório cultural significativo, o contato com outras referências, sem que haja a imposição de uma forma de conhecimento sobre outra e, ainda, sem a dicotomia entre reflexão e prática.

1.3O ENSINO DE ARTES VISUAIS

Entende-se por Artes Visuais a criação de obras como desenhos, pinturas, gravuras, esculturas, colagens, instalações, intervenções, performances etc. utilizando elementos visuais e táteis para apresentar o mundo real ou imaginário.

As Artes Visuais, segundo Duarte Júnior (2010), são compostas de expressões e apresentações da vida que, através de linhas, formas, pontos, volume, espaço e luz se materializam em formas visíveis dando sentido às sensações e sentimentos provenientes do real e do imaginário do ser humano. A criação artística requer a utilização de atributos como movimento e equilíbrio, ritmo, harmonia, contraste, continuidade, proximidade e semelhança que, integrados com aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, conferem caráter significativo às Artes Visuais. A educação escolar em Arte deve levar em consideração o contato que temos com o universo da visualidade e o aspecto sensível e cognitivo do aluno.

Ainda na visão de Duarte Júnior (2010), o desenvolvimento da sensibilidade no estudante requer experiências em que os sentidos estejam presentes em suas vivências escolares.

A necessidade de uma educação sensível exige metodologias diferenciadas capazes de despertar o lado criativo, provocar-lhe o senso de observação e o interesse por descobertas, de forma que o aluno possa experimentar o fazer artístico com todas as suas faculdades, sendo elas de corpo e mente, contribuindo assim para uma educação mais efetiva.

Para Ferraz e Fusari (1999), o exercício e o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da fantasia e do sentimento acontecem por meio de atividades que podem ser promovidas na apreensão dos conhecimentos artísticos e estéticos.

Nesse contexto entende-se que o professor deve utilizar, em suas práticas pedagógicas, metodologias que promovam a expressão no intuito de motivar e produzir conhecimento com os alunos no processo de ensino e de aprendizagem.

De acordo com Duarte Junior (2006),

a aprendizagem e o desenvolvimento do sujeito se realizam, por meio de interações humanas. A corporeidade [do estudante] deve ser colocada como origem de todo projeto que vise educá-lo e a fortalecê-lo como princípio da vida em sociedade (DUARTE JR, 2006, p. 139).

A concepção de que os processos de aprendizagem e desenvolvimento do aluno se realizam por meio das interações humanas leva-nos a compreender que, o professor não é o único detentor do conhecimento e que este, é uma via de mão dupla, onde a experiência de cada um dos envolvidos é um fator extremamente importante à apreensão do conhecimento. O aluno deve ser o foco das aulas nas quais seus conhecimentos empíricos sejam reconhecidos e estimulados para que ele se sinta livre ao ponto de soltar sua sensibilidade e tenha interesse na captação de novos saberes.

Analisando por esse aspecto, a cor passa a ser o próximo assunto a ser discutido, pois ela determina a profundidade do entendimento de cada aluno acerca da maneira que ela reflete a forma que é mostrada dentro da pintura retratada por cada um dos participantes da aula de Artes Visuais.

1.4 METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa teve o caráter bibliográfico baseado em um estudo sobre o ensino/aprendizagem de Arte na educação brasileira, no estudo teórico da cor, tendo como meio de orientação os conhecimentos de Israel Pedrosa, no emprego da cor na pintura, além da produção de um relato de experiência.

Para a compreensão sobre o uso da cor na pintura utilizou-se como referência um documentário produzido pela TV Escola intitulado: “A Cor da Criação” no qual o artista Paulo Pasta fala sobre sua experiência com a cor e da interação da

mesma com a pintura. Com esse vídeo percebeu-se que o ensino/aprendizagem em se tratando de cor envolve não apenas conhecimentos relacionados à teoria das cores, mas também a experimentação prática que instiga o aluno às novas descobertas e contribui de forma significativa para a apreensão do conhecimento.

2 COR

Segundo Pedrosa (2003), em nenhuma outra época a cor foi tão largamente empregada como no século XXI. As grandes indústrias de corantes tornam cada vez mais ricas as possibilidades cromáticas por meio de novas tintas sintéticas, plásticas e acrílicas. Cada aspecto no qual a cor se apresenta passa a ser longamente estudado.

Sendo um dos elementos da visualidade, a cor possui suas próprias possibilidades expressivas e de significados do momento que constitui, portanto, uma fonte de imenso valor para os estudos das Artes Visuais, permitindo uma vasta experiência no sentido de ver, produzir e analisar.

O estudo da cor apresenta um grande desafio para o professor de Arte por ser um tipo de conhecimento que envolve várias etapas e processos visto que, para sua perfeita compreensão e aplicação, é necessário conhecimentos que envolvem tanto a teoria, como a experimentação prática da interação cromática entre diferentes tonalidades.

Em se tratando do ensino/aprendizagem da cor nas aulas de Artes Visuais, a abordagem adotada neste trabalho foi o aspecto visual da cor. Primeiramente, como se percebe a cor, seguindo-se por sua classificação, harmonia e a análise de seus efeitos na pintura.

2.1 ISSO É COR

As cores fazem parte da nossa vida desde muito cedo. Inclusive, quando crianças, costumávamos comparar nossa cor favorita com a de nossos colegas. Ao comprar uma roupa, pintar alguma coisa expressamos nossas preferências nesse assunto. Mas afinal o que é cor? Como se constitui uma cor?

De acordo com Israel Pedrosa (2003, p.17) “a cor é uma sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão”. Segundo ele, os estímulos que causam as sensações cromáticas estão divididos em dois grupos: os das cores luz, que é a radiação luminosa que tem como base a luz branca, mais precisamente a luz solar, e o das cores-pigmento, que é a substância material que, conforme sua natureza

absorve, retrata e reflete os raios luminosos componentes da luz que se difunde sobre ela.

Goethe, citado por Pedrosa (2003, p. 17), chama de cores-pigmento as substâncias corantes que fazem parte do grupo das cores químicas e ainda enfatiza que

são as que podemos criar, fixar, em maior ou menor, e exaltar em determinados objetos e aquelas a que atribuímos uma propriedade imanente. Em geral se caracterizam por sua persistência.

Assim, entende-se que as cores-pigmento são as mais utilizadas na pintura devido sua capacidade de subsistência, sem comprometer a expressividade e qualidade da pintura.

2.2 PERCEPÇÃO DA COR

Na nossa vida cotidiana e na maioria dos casos a sensação das cores não nos é dada pelas ondas-luz, mas sim, pela absorção parcial da luz-branca nos pigmentos que cobrem as superfícies dos objetos. Os pigmentos que dão cor à maioria dos objetos absorvem certos comprimentos de onda da luz branca e refletem outros, produzindo a sensação de cor da luz não absorvida.

(...) o fenômeno da percepção da cor é muito mais complexo que o da sensação. Se neste entram apenas os elementos físico (luz) e fisiológico (olho), naquele entram, além dos elementos citados, os dados psicológicos que alteram substancialmente a qualidade de que se vê (PEDROSA, 2003 p.18)

Sendo assim, o mecanismo básico da cor é a luz, porém a cor é percebida através da visão e definida pela retina que a processa no cérebro.

De acordo com Young Thomas (apud PEDROSA, 2003, p. 33),

A fóvea retiniana é constituída por três espécies de fibras nervosas (cones) capazes de receber e transmitir três sensações diferentes. O primeiro grupo dessas fibras é prioritariamente à ação das ondas luminosas longas (...). O segundo grupo é sensível prioritariamente às ondas de comprimento médio (...). Enfim, o terceiro grupo é sensível prioritariamente ao violeta (azul-violetado), secundariamente ao vermelho e ao verde.

Compreende-se, assim, que há na retina três tipos de receptores luminosos, cada qual sensibilizado por uma cor diferente que são chamados cones. A estruturação desses receptores na retina permite-nos entender como nosso olho detecta as cores. Por exemplo, quando sobre ele incide a luz de um objeto azul, todos os receptores são sensibilizados enviando para o cérebro informações que lhe permitem construir a imagem do objeto visualizado. Como a cor azul sensibiliza mais os receptores azuis, essa informação é decifrada pelo cérebro como proveniente de um objeto dessa cor.

Segundo Pedrosa (2003), na percepção distinguem-se três características principais que correspondem aos parâmetros básicos da cor: Matiz (comprimento de onda), valor (luminosidade ou brilho) e croma (saturação ou pureza da cor).

E ainda de acordo com esse autor,

o matiz de uma cor é determinado pelo comprimento de onda do feixe de luz direto ou refletido, o brilho mede o grau de luminosidade de uma cor e o croma refere-se à saturação mede a pureza da cor (PEDROSA, 2008, p.34).

Dessa forma, o matiz, o brilho e o croma representam, respectivamente, a tonalidade, a intensidade luminosa e a qualidade da cor.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DAS CORES

A partir das diversas combinações feitas por estudiosos do assunto foram definidas as cores primárias, isto é, aquelas indecomponíveis que, misturadas em proporções variáveis, possibilitam obter todas as outras cores. Segundo Pedrosa (2003), para os artistas e todos os que trabalham com pigmento, as cores primárias são o magenta, o ciano e o amarelo.



Fig.1 Rosana Aparecida A. Santos (10 set. 2013)

Quando se misturam duas cores primárias temos a criação de outro grupo de cores conhecido como cores secundárias. São elas: o vermelho que é uma mistura

do amarelo com o magenta, laranja que é a mistura do amarelo com o vermelho, o verde, que é a mistura do ciano com o amarelo e o violeta, que é a mistura do vermelho com o ciano.

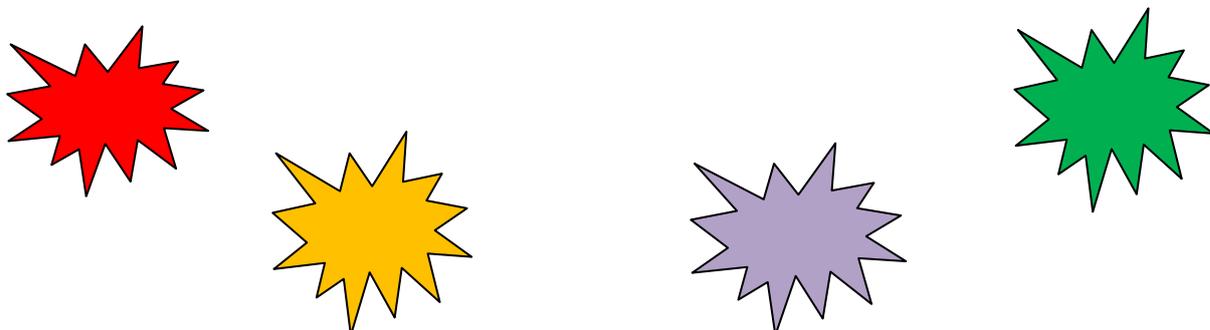


Fig. 2: Rosana Aparecida A. Santos. (10 set. 2013)

Já as chamadas cores terciárias são obtidas pela mistura de uma primária com uma ou mais secundárias.

No gráfico abaixo fica mais simples de entender:

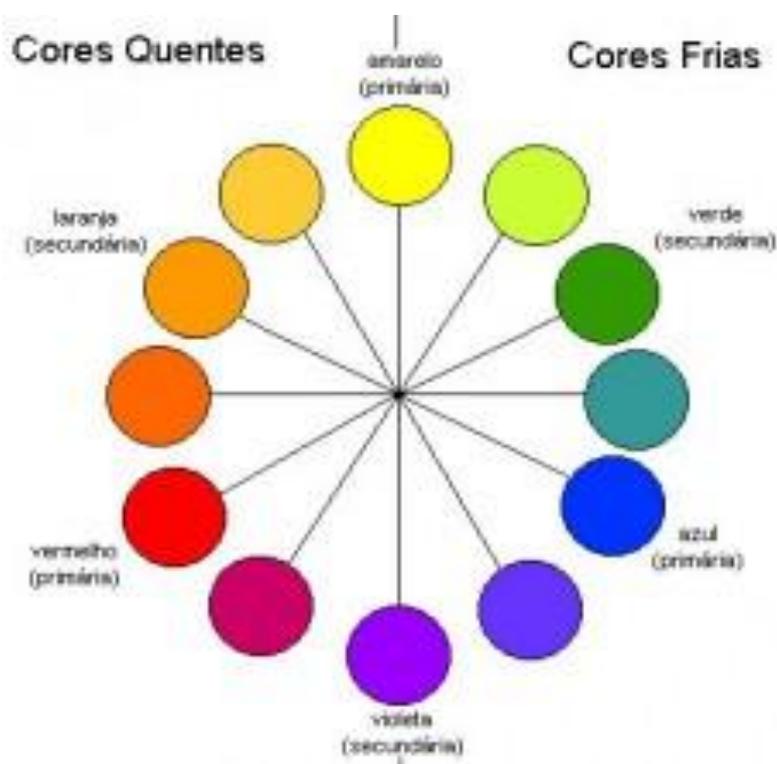


Figura 3: Circulo Cromático

As cores terciárias são muito importantes na harmonia da cor e, por serem neutras, não atraem tanta atenção quanto às cores primárias e secundárias, sendo

que, muitas vezes, não são percebidas à nossa volta. Elas descansam o olho depois de um estímulo causado por um contraste e isso é essencial para manter a harmonia num quadro.

Segundo Pedrosa, (2003, p. 41) “quando falta luz não há cor e quando a luz aparece a cor surge também”. Assim, o brilho de uma cor está diretamente relacionado com o grau de clareza, ou seja, com a quantidade de luz. Quanto menor for o brilho menor será a intensidade da luz (o branco é o mais intenso e o preto o menos intenso visto não ter luz).

A saturação, segundo Pedrosa (2008), mede a pureza da cor, ou seja, refere-se à quantidade de cor diluída pela luz branca. A pureza de uma onda-luz colorida resulta da proporção entre a onda-luz pura da cor dominante e a quantidade de luz branca necessária para obter a sensação da onda-luz colorida. Por exemplo, é pela saturação que distinguimos o rosa do magenta.

O magenta é mais saturado do que o rosa porque é puro, sem influência de branco. O rosa é obtido da diluição do magenta com o branco, assim quanto mais adicionar branco à diluição menor será o grau de saturação, ou seja, menos pura será a cor. A saturação máxima de cada cor atinge-se quando existe correspondência com o seu comprimento de onda visível – designa-se então por tom puro.

Segundo Kandinsky (1912, p.78), o efeito da cor isolada pode classificar-se em duas categorias principais:

1. O calor ou o frio da cor
 2. A claridade ou a obscuridade desta cor
- Dando assim origem a quatro classes principais:
1. Quente e claro
 2. Quente e escuro
 3. Frio e claro
 4. Frio e escuro

Percebe-se ai que o autor faz uma analogia entre cor e sensação na qual o efeito da cor é marcado por seu grau de pureza, ou seja, a classificação entre quente e claro, quente e escuro, frio e claro, frio e escuro depende da variação da tonalidade da cor.

De acordo com Pedrosa (2008, p. 32),

as cores quentes são as que têm um comprimento de onda maior (magenta, laranja, amarelo) e provocam uma reação de expansão sobre o observador e as cores frias, as que têm um comprimento de onda menor (verde, ciano, violeta), favorecem a contração.

Entende-se que as cores quentes são as que possuem tonalidade mais vibrante e, por isso, atraem mais a atenção do observador. Já as cores frias, por possuírem tonalidade menos vibrante, produzem efeito contrário em relação ao observador.

2.4 COR PIGMENTO

De acordo com Pedrosa, em tudo o que é material a cor é dada pelo pigmento e, quanto a isso, esclarece que “O pigmento não é uma cor, mas sim a substância que cobre uma superfície e cujas propriedades levam a que essa mesma superfície nos dê a sensação de um determinado matiz” (2008, p.34).

No início dos tempos, o homem usava pigmentos naturais para colorir as suas pinturas – macerações de plantas, terra, carvão, sangue de animais etc. Com o desenvolvimento humano, as técnicas de pintura também evoluíram e, por meio da industrialização, foi possível a criação de pigmentos sintéticos que podiam ser fabricados em série e armazenados em tubos, dando ao artista a liberdade de pintar fora do seu atelier.

Do ponto de vista estético, as cores sintéticas são tão belas como as tonalidades naturais que pretendem e permitem reproduzir qualquer matiz pela sua combinação.

Pedrosa (2003) afirma que, nesse tipo de combinação, o papel dos pigmentos de cor negro e branco é diferente dos da cor-luz correspondente. Ao juntar ao branco, progressivamente, pequenas quantidades de negro, vão surgindo diferentes tons de cinza cada vez mais escuros até que chegamos ao negro. O pigmento negro vai absorver todas as cores pelo que não há qualquer luz refletida pela superfície. É por esse motivo que o negro é “escuro” - ausência de luz refletida.

O pigmento negro seria a ausência de todas as cores uma vez que não possui luz refletida e, o branco, é o que absorve menos tipos de luz pelo que a luz

branca que incide é quase totalmente refletida. Por isso que o branco é a cor mais brilhante e representa a presença da luz refletida na pintura.

D’Vinci (apud PEDROSA, 2008, p. 26) afirma que “o branco não é uma cor, mas sim, a potência receptiva de toda cor”. Dessa forma, entende-se que o branco é gerado pela ausência de qualquer cor enquanto o negro corresponde à presença de todas as cores.

O mesmo se passa em relação aos pigmentos coloridos; cada um reflete a cor que não é absorvida. Por exemplo, o pigmento vermelho absorve todas as radiações com exceção das vermelhas.

2.5 HARMONIA DAS CORES

De acordo com Pedrosa (2003), a harmonia cromática expressa o equilíbrio dos elementos mais ativos da escala de tons. Para ele, a harmonia pressupõe o equilíbrio de um conjunto de partes para formar uma totalidade de novo tipo em relação a elementos que a integram. Esse autor afirma ainda que, “para que surja a harmonia é necessária a superação do conflito das forças contrárias, expressa pela ação das complementares” (PEDROSA, 2003, p.160). Desse modo, harmonia cromática pode ser definida como a habilidade de estabelecer relações entre cores que valorizem tanto a composição quanto o tema.

Na composição cromática cada cor, além da sua ação individual, passa a adquirir uma nova dimensão por influência da cor que lhe fica adjacente, o que leva a assegurar que desde o Renascimento, a harmonia cromática vem sendo definida como o resultado do equilíbrio entre a cor dominante (a que ocupa maior extensão do conjunto, ou seja, a maior área da escala), a cor tônica (coloração vibrante que, por ação de contraste complementar dá o tom ao conjunto) e a cor intermediária (coloração que forma a passagem, meio-termo entre a dominante e tônica).

De acordo com Alexandrino (2009), o sistema harmônico das cores se classifica em:

Harmonia monocromática: utiliza tons diferentes da mesma cor.

Harmonia das cores análogas ou vizinhas consiste em utilizar cores próximas no disco de cores. Assim usando, por exemplo, o azul com cores que tendem para o verde e para o roxo.

Harmonia das cores complementares que combina cores contrastantes – azul e alaranjado; roxo e amarelo; vermelho e verde.

Harmonia triangular utiliza as cores três a três. Logo, as três primárias, as três secundárias e as cores neutras branco, cinza e preto.

Harmonia policromática que resulta da combinação de várias cores na mesma composição, no entanto, o emprego de um número excessivo de cores leva à fadiga o que dificulta a obtenção do equilíbrio. O emprego de cores neutras em algumas áreas da composição pode contribuir para descansar o observador do estímulo excessivo (ALEXANDRINO, 2009).

Podemos harmonizar as cores de diferentes maneiras, porém percebe-se que o melhor processo para aprender a harmonizar é observar os quadros de bons pintores, quadros estes expostos no próximo capítulo.

3 PINTURA

Volpini (2013) enfatiza que “a pintura foi uma das primeiras realizações expressivas do ser humano”. Segundo ele, entre 2002 e 2012,

a pintura se difere das outras artes visuais por se tratar de uma expressão que se apresenta num espaço bidimensional, que propõe a mente humana melhor compreensão dos seus elementos estéticos, como a figura, a forma, a textura, a cor (LINDOMAR, Professor. Técnicas de Pintura).

Ensinar os conceitos básicos da cor e seu uso na pintura é, na verdade, possibilitar descobertas e experiências por meio do fazer artístico.

A pintura pode ser definida como a arte da cor. Se no desenho o que mais se utiliza é o traço, na pintura o mais importante é a mancha da cor. Ao pintar vamos colocando sobre o papel, a tela, ou a parede cores que representam seres e objetos, ou que criam formas (COLL; TEBEROSKY, 2004, p.30).

Isso nos leva a compreender que a cor é o elemento fundamental da pintura. Valendo-se de diferentes suportes ela constrói a forma do objeto pintado e lhe dá sentido. O professor é visto como mediador da aprendizagem e a ele compete estimular os alunos a se interessarem pela exploração do universo infinito da arte. Isso requer que o aluno seja capaz de liberar a sua criatividade, o que implica em penetrar no universo da cor e utilizar esse instrumento na pintura, estudando os seus processos de criação bem como a sua importância para a demonstração da Arte.

A aula de pintura é usada como um recurso que conduz à reflexão e à formação do conhecimento. Os conhecimentos nela adquiridos favorecem a compreensão de uma obra de arte, a percepção de um estilo, de uma personalidade ou de um conjunto de obras; facilitam também o processo de criação e colaboram na descoberta de novas técnicas e materiais. Isso requer estratégias diferenciadas nas quais os saberes do aluno e as propostas apresentadas pelo professor se encontram para a consolidação do aprendizado.

Cada aluno possui características e experiências de vida diferentes e, por isso, se faz necessário despertar-lhe a sensibilidade e promover atividades que façam fruir suas ideias e criatividade. Esse fator ajuda também na interação entre

professor e aluno no qual cada um apresenta sua experiência e os dois juntos contribuem para a construção do conhecimento.

3.1 A COR NA PINTURA

Analisando Pedrosa (2003), o estudo da cor abrange variados campos do saber, porém é na pintura que ela ganha maior destaque. E, quanto a isso, ele enfoca que

entre o conhecimento técnico e a criação pairam dúvidas sobre a forma de aplicação da cor na pintura. A definição de diferentes abordagens sobre o assunto e a necessidade de seu conhecimento para tirar partido do uso e sua influência sobre a percepção que os alunos têm da pintura, torna-se um fator importante nas aulas de Arte. A definição das cores faz parte da criação da forma e começa na pintura de forma embrionária, ganhando contornos diferentes à medida que avança no pensamento do artista (PEDROSA, 2003, p. 165).

A aprendizagem da cor deve ser empregada no desenvolvimento da pintura, para isto, não só o conhecimento técnico é necessário, mas a experimentação da cor, por meio da mistura das tonalidades a serem utilizadas, também se faz importante. Através da experimentação o aluno apreende o conhecimento necessário para a obtenção de cada cor complementar, fato para deixá-lo livre na composição de seus trabalhos valendo-se de variadas cores.

Segundo Pedrosa (2003), a cor é elemento importante no dia-a-dia de muitos profissionais e de muitos artistas. Na pintura, não é diferente, pois o conhecimento e o domínio de diversas tonalidades das cores são fundamentais para o pleno desenvolvimento das técnicas de pintura.

Geralmente, nas pinturas, a cor é obtida pela mistura subtrativa de pigmentos, ou seja, cada tonalidade é obtida misturando os pigmentos das tintas que lhes dão origem, pintando a superfície em causa com essa cor previamente preparada. A exceção a esta regra encontra-se nas obras impressionistas e pontilhistas onde as cores se formam nos olhos dos observadores por mistura cromática aditiva das miríades de pequenos pontos de cores primárias que o artista colocou na tela (PEDROSA, 2003).

Nas pinturas pontilhistas, a cor primária é empregada através de pequenos pontos que, paralelamente colocados, se misturam na visão do observador, transformando-se em uma nova cor, ou seja, numa cor complementar. De acordo com Pedrosa (2008, p.63) “Na pintura, as coisas aparecem extremamente brilhantes onde existe uma boa proporção de branco e preto, semelhante ao que nas coisas vai do luminoso ao escuro”.

Para Delacroix (apud PEDROSA, 2003, p.127) “a maior luminosidade de uma pintura não resulta do emprego de muitas cores, mas sim, da utilização racional de várias gamas da mesma cor”. Dessa forma, compreende-se que a construção do conhecimento sobre cores é essencial para a criação da pintura além de ser um elemento visual importante.

No entanto, percebe-se na sala de aula que não é somente ao passar o conhecimento das técnicas e teorias que o aluno aprende e, sim, ao estímulo da construção desse conhecimento. Criar, nas aulas de pintura, deve ser um ato espontâneo sem regras e deveres. A espontaneidade movimenta e dá vida à pintura. Ferraz e Fusari (2010) falam de uma postura didático-pedagógica na qual o professor incentiva o aluno a refletir sobre o que está pintando.

Os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Frei Angélico de Campora, de Governador Valadares – MG apresentaram pinturas através dos experimentos, tendo como foco a utilização da cor.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A efetivação do Ensino/aprendizagem em Arte depende da interação entre prática e teoria, nessa perspectiva a troca de conhecimentos com os alunos e o preparo das aulas de Arte faz com que o professor sinta a necessidade comprovar as reflexões que surgem a partir de uma aula teórica. Nesse sentido, e tendo a cor como objeto de estudo, foi exposto aos alunos um estudo teórico da cor baseado nos conhecimentos de Israel Pedrosa e em seguida foi-lhes apresentado um vídeo intitulado: “A cor da criação”, no qual o artista Paulo Pasta fala de suas obras, suas fontes de inspiração e, principalmente, relata suas experiências com a cor que vão desde a escolha da cor, elementos que utiliza para proteger e reduzir a luminosidade da pintura, até a maneira como faz para obter a cor desejada. A visualização desse vídeo foi de real importância para os alunos porque os levou a compreender a imagem que o pintor faz de suas obras, no sentido de reconhecer que apesar de existir um fator motivador à pintura, ou seja, um objeto que a inspire, a pintura, segundo ele, não é uma coisa estática que nasce pronta no interior do artista, mas sim uma obra a ser construída no decorrer do processo de criação; no se tratando a cor, de acordo com ele, também é algo que se vai definindo em conjunto com a obra, ou seja, cor e forma caminham juntas, porém, sendo a cor a total responsável pelo poder expressivo da pintura. Na sequência, foi proposto aos alunos que aplicassem os conhecimentos adquiridos na criação de suas próprias obras através do experimento.

As práticas experimentais servem para revigorar e motivar o aluno que coloca suas reflexões na prática e por meio dela constrói e reconstrói o argumento teórico. Nesse sentido, esse experimento surgiu com o objetivo de proporcionar ao aluno a oportunidade de colaborar com a consolidação de seus próprios conhecimentos em se tratando da cor e do processo de aplicação na pintura. Assim, visando aguçar a percepção do aluno para as diferentes variações de luminosidade proporcionadas pelas cores primárias em comparação com o uso de cores secundárias e terciárias, foi solicitado aos alunos que fizessem duas obras idênticas, em se tratando de forma, e que na primeira usassem apenas cores primárias e na segunda utilizassem apenas cores secundárias e terciárias.

4.1 PERFIL DOS ENVOLVIDOS NO EXPERIMENTO

Alguns alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Frei Angélico de Campora, escola esta da educação básica, pertencente à rede estadual de ensino, que recebe alunos de diversas localidades da cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, filhos de desempregados, empregados do lar, funcionários do comércio e de pequenos comerciantes locais, passaram a apresentar o que adquiriram em termos de conhecimentos na adoção da Arte como disciplina.

Os alunos atuantes nesta atividade artística são pessoas que demonstram forte interesse pela educação e pelos conteúdos estudados, fato que lhes proporciona bom desempenho em seus aprendizados, mesmo se sabendo que todo o conhecimento é o obtido na sala de aula, pois não existe nenhum outro investimento a esse respeito.

4.2 ROTEIRO DO EXPERIMENTO

O acompanhamento direto aos alunos possibilitou verificar que eles estão compreendendo os conteúdos abordados e, ao analisar e observar a obra de arte produzida pelos alunos percebe-se que existe criatividade entre a obra de arte e o aluno, pois, através dessas criações dá para notar a importância exercida por ambas no processo de construção do conhecimento do aluno porque permitem identificar os conceitos fundamentais ligados ao uso das cores em composições visuais e avaliar seu próprio aprendizado.

O experimento, pelo que se observa, serve para refutar conceitos teóricos que são abordados nas atividades efetuadas na sala de aula, ação esta que foi dividida em três etapas distintas, tendo como tema o ensino das cores e a aplicação dela na pintura.

A primeira etapa consistiu em uma explicação básica sobre os fundamentos teóricos da cor como: tonalidade, luminosidade, contraste, saturação, harmonização e processos de criação. Na segunda etapa, cada aluno recebeu uma folha de papel em branco, três potes de tintas de cores primárias e pincéis de tamanhos variados. Em seguida, eles foram incentivados a fazerem, conforme a imaginação de cada um, uma pintura utilizando apenas as cores primárias sem qualquer alteração nas tonalidades. Na terceira e última etapa, eles receberam uma nova folha de papel, permanecendo ainda com as mesmas tintas primárias e os mesmos pincéis; no

entanto, para essa etapa, foi pedido para eles repetirem a pintura que tinham feito na etapa anterior, valendo-se apenas de cores secundárias e terciárias, as quais seriam produzidas pelos próprios alunos, tomando por base a mistura entre as cores primárias.

4.3 ANÁLISES DO EXPERIMENTO

A prática em sala de aula, apesar de direcionada, esteve voltada para o pensamento em que cada um foi capaz de deixar livre a sua criação e, enquanto professora de Arte, permiti, assim, que o aluno se expressasse da forma que fosse capaz, como o intuito de deixar fluir seu processo criativo. Na análise das pinturas, para referência, trataremos cada aluno por um número que o identifique da seguinte forma: aluno 1, aluno 2.

Na pintura abaixo realizada pelo aluno, na segunda etapa, que chamamos nesta pesquisa de aluno 1, percebe-se uma tentativa do aluno em respeitar as normas ditadas pelo professor, no sentido de trabalhar apenas com as cores primárias, no entanto, nota-se que ele por associar o verde a vegetação, não resistiu e acabou produzindo um amarelo esverdeado, conseguido na mistura do azul com amarelo, que se estendeu do sol até a vegetação. Observa-se nessa pintura a presença do vermelho e do amarelo que contrastam com o azul atingindo assim a sua maior força no que diz respeito à luminosidade. Traços de branco aparecem na pintura reforçando sua luminosidade e dando um ar mais leve ao vermelho utilizado no fundo da pintura. A Composição da pintura apresenta traços fortes, em volta das nuvens, da casa e no fundo da pintura, alternados com traços mais fracos e delicados como os do tronco das árvores e os envolta da vegetação.

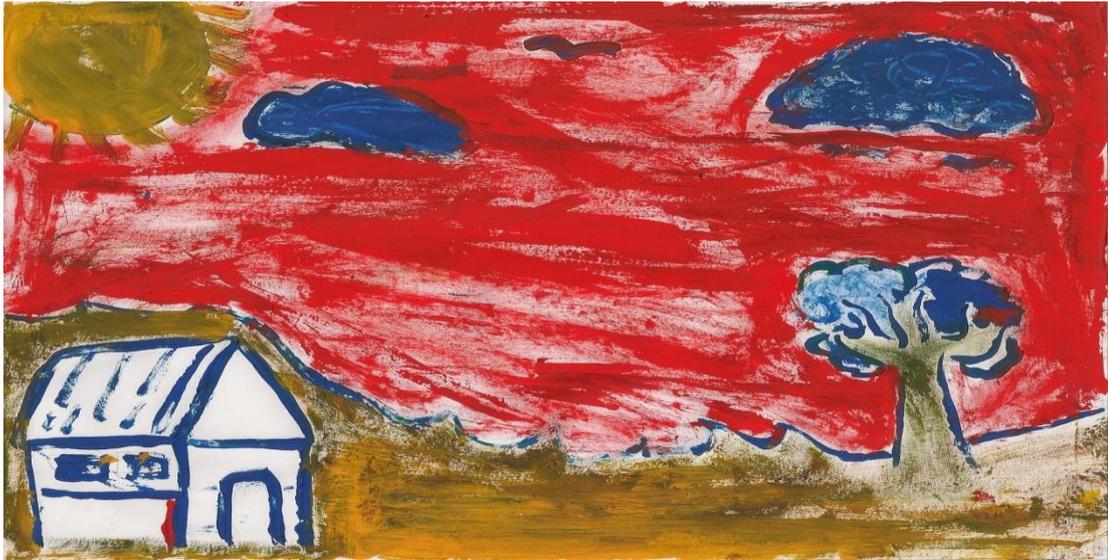


Foto 1: Rosana Aparecida A. Santos (03 Dez. 2013)

Ainda se tratando da pintura do aluno 1, na foto 2 percebe-se que a forma se identifica com a da pintura anterior, no entanto, apresenta tons mais suaves. Os tons de verde da vegetação variam levemente entre claro e escuro, esses dois verdes justapostos na copa da árvore realçam as diferenças entre si e dão uma noção de sombreamento. Na cor do fundo da pintura percebe-se claramente uma quebra na saturação do vermelho ocasionada pela adição de branco. Pequenos pontos brancos dão luminosidade à vegetação, dando alusão de movimentação da relva.



Foto 2: Rosana Aparecida A. Santos (03 Dez. 2013)

No trabalho a seguir feito na segunda etapa do experimento, pelo aluno 2, se observa uma fuga quase que total ao que foi lhe proposto, proporcionada tanto pela utilização do marrom quanto do verde que não fazem parte do grupo das cores primárias. Contudo, percebe-se essa pintura como sendo de grande valia a essa pesquisa porque apresentam cores como o amarelo e o azul que se contrastam entre si por se encontrarem nessa pintura em sua luminosidade mais forte. Embora haja a presença do sol e de gaivotas que permitem supor o horário do dia no qual foi feita essa pintura nota-se que a falta de cor no fundo dificulta o conhecimento do momento exato do horário, fato que poderia ter sido anulado caso o aluno tivesse utilizado uma variação entre branco e azul. Essa pintura nos leva a perceber que a cor tem o poder de dar forma à pintura e que a falta de coloração em alguns pontos do quadro dificulta a compreensão da forma.



Foto 3: Rosana Aparecida A. Santos (03 Dez. 2013)

A terceira etapa do aluno 2 foi muito interessante porque mesmo com a determinação feita pela professora de repetir a forma da pintura anterior, ele ousou e produziu algo totalmente diferente do que havia feito na segunda etapa. No tocante ao uso das cores solicitadas pela professora, percebe-se uma mistura entre cores

primárias, secundárias, terciárias e complementares que se harmonizam entre si apesar de haver grandes quantidades de azul e amarelo que superam as cores complementares adjuntas. Essa pintura apresenta alto grau de saturação do vermelho e do azul, aplicado em dois prédios, o que se pode perceber devido à proximidade do tom utilizado pelo aluno com o tom puro dessas cores. A interação das cores entre si criam tensões dinâmicas que quase impedem a contemplação total da pintura, mas que contribuem para a expressividade da obra; como se vê abaixo:



Foto 4: Rosana Aparecida A. Santos (03 Dez. 2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de Arte com os alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Frei Angélico de Campora, de Governador Valadares – MG foi realizado e analisado posteriormente.

O empenho da professora está embasado em desenvolver a Arte de modo participativo dando chances aos alunos de colaborarem em seu próprio processo de aprendizagem através do fazer artístico, da fruição estética e contextualização da obra criada por eles. A forma que o aluno adota para apresentar a sua arte é de sua total competência e isso inclui o uso das cores no seu processo de dar novo enfoque à sua criatividade.

O ensino da teoria das cores, efetuado pela professora antes do trabalho com a pintura, proporcionou a estrutura para os alunos na escolha dos esquemas de cores que utilizaram em suas experiências com a pintura. No entanto, percebeu-se durante esse trabalho que a escolha de cores e a criação da forma foram inteiramente relacionadas à maneira como o aluno assimilou o estudo teórico e à visão que ele tem de si mesmo e de sua obra, o que nos remete a Paulo Pasta quando diz que embora haja um objeto imagético que inspire a criação o efeito final da obra será de acordo com a vivência do artista, nesse caso aqui do aluno, que buscou sua inspiração em fatos presentes em seu cotidiano. Como professora de Arte, o acompanhamento ao trabalho que o aluno realizou implicou em despertar nesse aluno a questão de avaliar o que ele criou. A esse aluno cabe o dever de refletir sobre a sua pintura e a cor que a ela destinou tendo como base para sua reflexão os efeitos ocasionados pela luminosidade.

O que se compreendeu de todo o processo do experimento é que a cor não um elemento estático que se aplica em uma pintura e se adere a ela, ao se trabalhar com cores deve se ter em mente que muitas vezes é necessário retirar toda uma cor e redefinir seus tons e aplicá-la novamente em busca da harmonia pretendida. Dentro do processo de ensino/aprendizagem o papel do professor é de facilitador do conhecimento, ele pode propor atividades, mas não pode exigir do aluno que siga sem refutar suas linhas de raciocínio e nem exigir que façam pinturas essenciais tendo em vista seu tempo de convivência com Arte, diante disso percebeu-se que o pleno desenvolvimento no campo das cores pede mais tempo do aluno no campo

das experiências. Pedir ao aluno que façam pinturas da forma como foi feito nesse experimento é uma forma de privá-lo da liberdade de criação e impedir que a pintura seja retratada de acordo com princípios específicos de cada aluno. Sendo assim, não coube aqui uma crítica à pintura do aluno, uma vez que este deve conceber sua pintura de forma natural, o grau de luminosidade, saturação, contraste e a tonalidade devem depender inteiramente da comunicação do aluno, enquanto artista, com sua pintura de maneira que esta seja uma retratação do seu interior e não algo imposto pelo professor, para que assim seja possível estabelecer o nível da sua aprendizagem naquilo que a disciplina implica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNHEIM, Rudolf – *Arte & Percepção Visual*. São Paulo, Cengage Learning, 1997.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CÍRCULO Cromático. Disponível em: <<http://lasmabellaspatynat.blogspot.com.br/2013/01/dicas-escolha-certo.html>>. Acesso em 03/12/2013.
- COLL, César; TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental*. São Paulo: Ática, 1999. 256 p.
- DELACROIX, Eugène. *Néo-Impressionisme*, 4. ed., Paris: H. Floury, 1987.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O Sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível*. 4. ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. e FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Arte na Educação Escolar*. 4. ed., São Paulo, Cortez, 2010.
- FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. e FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Metodologia do Ensino de Arte*. São Paulo, Cortez, 1999.
- GOUVEIA, Magali. *Harmonia das Cores - Circulo Cromático*. Disponível em: <<http://www.amopintar.com/harmonia-das-cores>>. Acesso em 24 de novembro de 2013.
- KANDINSKY, Wassily. *Do Espiritual na Arte*, «*Arte e Sociedade 8*», 5. ed. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1912, 1 vol., pp. 21-130 Título Original: Ueber das Geistige in der Kunst, Insbesondere in der Malerei, Munich; 1912
- LINDOMAR, Professor. *Técnicas de Pintura*. Disponível em: <<http://www.info escola.com/pintura/tecnicas-de-pintura>>. Acesso em 05 de novembro de 2013.
- PASTA, Paulo. *A cor da Criação*. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.
- PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda, 2003.
- PEDROSA, Israel. *O universo da cor*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 2008.
- VOLPINI, Lincoln. *Conhecimentos Sobre os Métodos e Procedimentos Técnicos e Temáticos de Pintura*. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – Vol. 3. [2002 e 2012].

Anexo A: Foto 1: Rosana Aparecida A. Santos (03 Dez. 2013) – Pintura Nº 1 do aluno 1



Anexo B: Foto 2: Rosana Aparecida A. Santos (03 Dez. 2013) – Pintura Nº 2 do aluno 1



Anexo C: Foto 3: Rosana Aparecida A. Santos (03 Dez. 2013) – Pintura Nº 1 do aluno 2



Anexo D: Foto 4: Rosana Aparecida A. Santos (03 Dez. 2013) – Pintura Nº 2 do aluno 2

